

«Um thriller sombrio e misterioso,  
com personagens complexas e perturbadas,  
que não conseguirá parar de ler.»

*RT Book Reviews*

# Pequenos Segredos

Para manter pequenos segredos,  
é preciso contar grandes mentiras.

**Anna Snoekstra**

Autora Bestseller Internacional

TOP  
SEL  
LER

*Para a minha irmã.*

# Prólogo

Quando as primeiras espirais finas de fumo se elevaram na noite, já o incendiário se tinha posto em fuga. As ruas estavam desertas. Um clarão vagamente alaranjado emanava do edifício do tribunal, ainda não suficientemente brilhante para concorrer com a Lua ou com os letreiros de néon da cervejaria no outro lado da rua.

O fumo tornou-se rapidamente mais denso. Nuvens compactas e furiosas elevavam-se formando colunas, e, no entanto, quando um carro passou em frente, a sua única reação foi acelerar.

Num instante, as chamas alaranjadas começaram a sair pelo telhado, substituindo o fumo. O fogo era agora tão ofuscante, que nem uma pupila contraída seria já capaz de distinguir o cinza-escuro do negro do céu. As pessoas acorreram a tempo de testemunhar o momento em que as janelas explodiram, uma após a outra, numa série de estouros secos. O fogo estendeu então os seus braços para fora de cada janela, acenando loucamente à multidão que se ia juntando.

As sirenes irromperam, mas ninguém as conseguia ouvir. A voz do fogo dominava tudo, com o seu rugido baixo e suave como o som de alerta saído do fundo da garganta de um gato. Duas raparigas surgiram da cervejaria, atrasadas para testemunhar a calamidade.

Uma correu em direção às chamas, perguntando se estava alguém lá dentro, se alguém vira alguma coisa. A outra deixou-se estar imóvel, de ombros fixos e com a mão a cobrir a boca.

Quando os bombeiros encostaram os carros, a rua, de tão iluminada, ficou clara como o dia. A multidão recuara, os que haviam estado mais perto escorriam suor. Todos tinham os olhos húmidos. Talvez pelas cinzas no ar, ou talvez porque agora a notícia tinha circulado.

Sim, estava alguém lá dentro.

# PRIMEIRA PARTE

*Eis uma lição a não esquecer:  
tenta, tenta, tenta outra vez.  
Se à primeira não acontecer,  
tenta, tenta, tenta mais uma vez.*

PROVÉRBIO

# 1

Laura apressou o passo para acompanhar Scott e Sophie, com a mochila aos saltos a bater-lhe nas costas.

— Esperem por mim! — gritou, mas eles não fizeram caso.

Detivera-se um pouco no memorial junto ao tribunal destruído pelas chamas. Uma grande fotografia de Ben estava rodeada de imensas flores e brinquedos. As flores estavam todas amarelecidas e secas, mas havia um gatinho de peluche que poderia caber perfeitamente na palma da sua mão. Ben não precisava dele; estava morto. Mas, quando Laura ia para pegar nele, ergueu o olhar para a fotografia. Os seus olhos acusadores fixavam os dela. Então deixou lá estar o brinquedo, ainda por cima os gémeos não esperaram e ela tinha de correr depressa, se não queria ser deixada para trás.

O reflexo do Sol nos cabelos louros dos gémeos fazia-a cerrar os olhos. Lutavam agora com paus a fazer de espadas, disputando e cabriolando rua fora, gritando *En garde!* a intervalos regulares. Usavam o mesmo uniforme escolar verde e branco que Laura, só que a sua saia já não era propriamente branca. Era de um bege pálido de tanto ter sido lavada, umas centenas de vezes pelo menos. Já pertencera a Sophie e, antes dela, a Rose, a irmã mais velha, tal como os calções.

Apesar de todos os seus bens serem em segunda mão, Laura era única. Ela sabia que era a criança mais fofa da sala do jardim de infância. A sua franja cortada a direito acentuava-lhe os grandes olhos escuros e pestanudos. O nariz era redondinho, a boca, uma pequena tulipa cor-de-rosa. Vivia para receber festinhas e mimos.

— Despacha-te, Laura! — gritou Scott.

— As minhas pernas não são tão compridas como as tuas! — ripostou, com os sapatinhos pretos do uniforme a fazer *toc-toc* pelo passeio, acelerando o passo.

Até que a viu.

Uma abelha.

Fez uma derrapagem brusca e parou. Tinha a forma de uma goma às riscas pretas e amarelas, com cara de má. A abelha zumbia à sua frente, bloqueando-lhe o caminho e pairando junto a um arbusto de flores roxas de cheiro acre. Laura estava desejosa de experimentar como seria. Esponjosa, tinha quase a certeza. Queria espremê-la entre o polegar e o indicador para ver se fazia *pop*. Laura nunca tinha sido picada por uma abelha, mas Casey tinha sido lá na escola, e chorara em frente a toda a gente. Devia ter doído muito.

Muito devagar, pé ante pé, foi-a rodeando, caminhando como um caranguejo para a outra ponta do passeio até ficar a cerca de dois metros da abelha.

Quando se voltou, a rua estava vazia. Sophie e Scott tinham virado numa das esquinas, fora da visão de Laura. Se fizesse um esforço para pensar, provavelmente saberia qual delas tinha sido, mas não conseguia pensar. A rua suburbana parecia crescer, crescer e ficar cada vez maior, enquanto, para Laura, era como se estivesse a encolher, a encolher, e a ficar cada vez mais pequena. Um soluço ia-se formando lento e pesado na sua garganta. Queria gritar pela mãe.

— *En garde!*

Laura ouviu-o claramente vindo da esquerda. Correu o mais que pôde em direção ao som.

Sophie e Scott trocaram os uniformes por t-shirts e voltaram à luta de espadas no quintal. Laura não fora convidada. Eles não gostavam de

«jogos de bebês», embora Laura lhes dissesse que, agora que andava na escola, deixara de ser oficialmente uma bebé. Sentou-se no banco da cozinha, ouvindo os gritos e as gargalhadas lá fora e olhando para os três pratos de bolachas que Rose lhes deixara para o lanche.

Laura conseguia ouvir Scott a gritar tão alto que a frase atravessou o vidro.

— Estás morta!

Ia-os observando enquanto Sophie fingia uma morte dramática e violenta. Era um jogo estúpido. Fosse como fosse, não teria querido jogar àquilo. Aproveitando que estavam distraídos, Laura esticou-se rapidamente alcançando duas bolachas de cada um dos pratos e enchendo a boca com elas.

Mastigava alegremente, balançando as pernas e dando pontapés no banco. A casa enchia-se com o som das pancadas. Sabia que estava a ser má. Se a mãe estivesse em casa, estaria metida num grande sarilho. Mas continuou com os pontapés, tentando deixar alguns arranhões castanhos para culpar Sophie. Ou Scott. Ainda não tinha decidido.

A porta do quarto de Rose abriu-se e Laura parou com os pontapés. A irmã mais velha caminhava com passos pesados pelo corredor. Havia dias em que Rose lhe queria fazer tranças nos cabelos, ou maquilhá-la e dizer-lhe como estava bonita. «Uma verdadeira bonequinha», dizia. Laura esperava que hoje fosse um desses dias, mas os passos zangados de Rose demonstraram-lhe que não era o caso.

— Como correu a escola? — Rose abriu a porta do frigorífico e enfiou a cabeça lá dentro, como se tentasse absorver todo o ar frio.

— Bem. A Nina disse que conseguia subir à árvore grande, mas não consegui e partiu o rabo.

Rose tirou a cabeça do frigorífico e fixou Laura, com uma lata de *Coca-Cola* na mão. Tinha os lábios contraídos como se fosse desatar a rir.

— A sério?

— Sim!

Laura soltou uma gargalhada e Rose riu também. Laura gostava de fazer rir a irmã. Rose era a rapariga mais bonita que ela conhecia,



mesmo quando franzia a testa, o que acontecia quase sempre. Mas, quando ria, parecia uma princesa.

— Pobre miúda — disse Rose. Parou de rir e encostou a lata de *Coca-Cola* à testa.

Laura não disse nada. Nina não tinha caído da árvore. Na verdade, tinha conseguido chegar lá acima e passara a tarde a gabar-se disso.

— Que barulho de pancada era aquele antes de eu chegar?

— Não *xei*. Podemos fazer tranças no meu cabelo, Posey<sup>1</sup>?

— Já sabes que não gosto que me chames isso.

— *Descupa* — disse.

Às vezes, quando fingia ainda ser bebé, Rose gostava mais dela, mas desta vez a irmã nem sequer olhou para ela. Em vez disso, abriu a lata e deu um gole. Laura observava as imagens no braço de Rose. Iam do cotovelo ao ombro e, embora parecessem ter sido feitas a caneta, ficariam ali para sempre. Laura achava-as lindas.

Rose olhou para o relógio na parede e resmungou.

— Vou chegar tarde. Foda-se! — Bateu com a lata no banco, espalhando pequenas manchas de líquido castanho.

Laura sobressaltou-se. Não sabia o que aquela palavra queria dizer exatamente, mas sabia que era uma das piores.

— Vou contar à mãe!

Rose nem quis saber, limitou-se a sair da cozinha e voltou para o quarto para se preparar. Definitivamente hoje não ia fazer tranças no cabelo da irmã.

Laura pulou do seu banquinho.

— Vou fugir! E tu não me vais apanhar!

Correu para a porta da rua, abriu-a e voltou a fechá-la com força. Depois afastou-se na ponta dos pés, para que Rose pensasse que se tinha ido embora.

Laura decidiu esconder-se debaixo da cama. Contorceu-se toda no chão e puxou a caixa com as roupas de inverno para a frente dela.

---

<sup>1</sup> Alcinha com origem provável na personagem da série de animação *My Little Pony: A Amizade é Mágica*, geralmente atribuída a alguém muito perfeito e/ou com comportamento afetado ou pretensioso. [N. da T.]

Se ficasse ali bastante tempo, alguém iria notar que desaparecera. Iriam à sua procura, mas não a encontrariam. Poder esconder-se era a única coisa boa de se ser pequena.

Ao fim de algum tempo, começou a ficar entediada. Ali debaixo não cheirava muito bem; cheirava-lhe às meias de desporto que tinha usado toda a semana nas aulas de Educação Física. Voltou a arrastar-se para fora. Já estava farta daquele jogo. Sentada com as pernas cruzadas no meio do quarto, decidindo se era a vez de brincar com a tartaruga de peluche ou com o cão peludo, reparou numa sombra a passar diante da janela do quarto. Alguém se aproximava da porta da rua. Talvez a mãe já estivesse a chegar a casa!

Correu até ao *hall* e abriu a porta, mas não estava lá absolutamente ninguém. Uma onda de desilusão invadiu-a. Depois olhou para baixo. Alguém lhe deixara um presente! Ajoelhou-se para ver o que era, e interrogou-se se seria uma prenda do fantasma de Ben. A agradecer-lhe por não lhe ter levado o seu gatinho.

## 2

Os calções de ganga e a blusa de alças que Rose vestia para trabalhar jaziam amarrotados num canto do quarto. Precisavam de ser lavados, mas hoje não se tinha preocupado com isso. Ao vestir a roupa suja, conseguia sentir o cheiro a suor e a cerveja entranhados no tecido. No final do turno, iria tresandar.

Rose enfiou o telemóvel no bolso de trás. Sem ele, ficava com formigueiro nos dedos. Passara o dia a atualizar o e-mail, vezes sem conta. Era difícil ser paciente.

Tirou os sapatos que estavam debaixo da cama. Eram novos, as solas dos velhos tinham-se soltado da lona. Andavam presas por fios até que, ao tropeçar num barril, um dos sapatos se abria como uma bocarra, o pé esquerdo exposto como uma língua. Os novos eram uns ténis baratos de lona branca que já pareciam sujos. Moeram-lhe os calcanhares na noite passada. Contraíu-se um pouco ao calçá-los. Com sorte, não demorariam a suavizar, senão ia ficar com os pés piores.

Rose apanhava o cabelo num rabo de cavalo enquanto percorria o corredor, manobrando o elástico com mestria. Ao princípio, não reparou em Laura, que estava sentada no chão, de costas viradas para si.

Não era nada dela estar quieta. O único momento em que o fazia era quando se escondia debaixo da cama.

Sabia que ia chegar atrasada, mas, mesmo assim, parou. Laura parecia tão minúscula quando estava quieta. Aqueles ombrinhos estreitos debruçados sobre as pernas cruzadas. Ao aproximar-se, Rose reparou que ela falava muito delicadamente, numa voz estranhamente aguda.

— Não, quero chocolate, por favor. Obrigada. Nham, nham, nham.

— O que é que estás a fazer?

Laura olhou para a irmã.

— Não é nada contigo!

Rose agachou-se junto a Laura para ver o que ela tinha nas mãos. Era uma boneca antiga, com rosto e mãos de porcelana e corpo de pano. Não se parecia com nenhum dos outros brinquedos de Laura. Estranhamente, reparou que se parecia muito com a irmã: grandes olhos castanhos, cabelo castanho curto, cortado rente, pelo queixo.

— Porque é que lhe cortaste o cabelo? Estragaste-o — disse Rose.

— Não cortei.

— Sim, cortaste.

— Não cortei!

— Cortaste, sim. Cortaste-lhe o cabelo para ficar igual ao teu.

— Não cortei! A pessoa que ma deu é que cortou. Deixaram-na em frente à porta da rua. É um presente para mim.

Rose tocou levemente na pele suave do queixo de Laura, para que levantasse a cabeça.

— Estás a inventar isso, não estás? Juro que não me zango contigo.

Laura pousou a boneca à sua frente e pôs-se outra vez a falar com a voz aguda.

— A Posey está é com inveja. Tu és minha e só minha!

Um sentimento estranho insinuava-se dentro de Rose, sentia que algo não batia certo. Considerou levar a boneca dali, mas Laura parecia tão contente a brincar com a sua irmãzinha gémea. Estava a ser tola, concluiu. É claro que ninguém a tinha deixado ali para Laura. Devia tê-la trazido emprestada de outra menina na escola.

Deixando Laura a brincar, Rose saiu de casa. Puxou a porta de rede mosquiteira e enfiou o dedo pela rede rasgada para a trancar. De pouco

servia. Lembrou-se de quando ela e a mãe a tinham instalado, já lá iam uns anos, por segurança. Nos tempos que corriam, dificilmente manteria os intrusos afastados; na verdade, mal as protegia das moscas.

A porta era exatamente como todas as outras coisas na sua vida, nesta pequena cidade. Desde o encerramento da fábrica de automóveis, Colmstock rapidamente perdera a sua razão de ser. Em tempos fora agradável. A maior localidade da região, mesmo à saída da Melton Highway, era considerada um sítio simpático para passar uma noite quando se ia a caminho da capital. Um local suficientemente pequeno para possuir uma forte comunidade, e suficientemente grande para se poder andar na rua sem ter de se cumprimentar toda a gente.

Por estes dias tudo em Colmstock estava estragado e feio. As pessoas já não eram tão amistosas. Demasiados residentes tinham trocado o hábito de beber um ou dois copos sociais pelo consumo de metanfetaminas. A taxa de criminalidade era alta, a taxa de emprego baixa, e, mesmo assim, a população mantinha-se igual. Era como se todos nutrissem um sentimento de lealdade pelo lugar. Bem, todos menos Rose. Ela ia-se embora dali. Só de pensar na ideia, sorriu. A ideia de que aquele já não seria o sítio onde iria viver, de que poderia vir a ter uma vida totalmente diferente. Apercebendo-se de que abrandara o passo, pôs fim ao devaneio. A sua nova vida começaria em breve, mas agora estava atrasada para o trabalho.

Rose rumava a Union Street, agitando a mão à frente do rosto para afastar as moscas. Embora o Sol estivesse alto, não se sentia segura a caminhar sozinha. Havia um trajeto muito mais rápido, mas significava ter de passar pelos *fossickers*<sup>2</sup>. Nunca o faria fosse a que horas fosse, por isso tinha de dar uma volta maior. Tirou o telemóvel do bolso e atualizou de novo o e-mail. Nada. Sentia-se a afundar. Tinham dito que a voltariam a contactar hoje. Era insuportável esperar mais. Nunca se sentira tão preparada para algo como agora.

---

<sup>2</sup> Prospector amador que se dedica a procurar ouro e outros minerais preciosos (atividade muito popular na Austrália, a título originalmente recreativo). Geralmente, é uma pessoa que faz da sua carrinha a sua casa e vive nos locais de prospeção. Podem formar pequenas comunidades, como neste caso, onde há consumo de drogas e outro tipo de marginalidades. [N. da. T.]

Desde criança que queria ser jornalista. Seguiram-se muitos contratemplos; de entre os quais, o fecho do jornal local, *The Colmstock Echo*, foi o pior de todos. Até que recebeu um e-mail a dizer que tinha passado numa primeira seleção de candidatos para um estágio no *Sage Review*, um jornal nacional. Uma semana depois, foi informada de que tinha sido pré-selecionada. Mesmo assim, não se deixara entusiasmar muito. Era demasiado bom, demasiado incrível, acontecer-lhe uma coisa assim. Até que desde há apenas oito dias ficara entre os dois candidatos finais. Agora era só ela e outra pessoa esperançosa, algures por aí, a atualizarem os respetivos e-mails.

A sua amiga Mia estava certa de que ela ia conseguir o estágio. Rose rira e dissera uma piada sobre se tinha visto aquilo na sua bola de cristal, mas a verdade é que acreditara nela. Lá no fundo, Rose sabia que ia consegui-lo pelo simples facto de que mais ninguém poderia querer o estágio tanto quanto ela. Era pura e simplesmente impossível.

Apressou-se até ao lago, rodeado de erva seca pela altura dos joelhos, ninho para cobras e mosquitos. Fedia a água estagnada. Ao lado, erguia-se a estrutura básica de um baloiço, tomado por uma insistente erva daninha em flor. Há uns anos, alguém roubara os baloiços, deixando o esqueleto da estrutura. Perguntava-se se os baloiços teriam voltado a ser pendurados no quintal de uma das casas das redondezas, ou se teriam sido destruídos só para divertimento de alguns miúdos.

Rose voltou para trás e apressou o passo, batendo com as solas de borracha dos seus ténis novos no asfalto pegajoso, tentando não se lembrar de que uma vez, quando a água ainda era azul, tinha ido fazer um piquenique junto àquele lago com a mãe. A sua mãe ficara sentada, muda, ao lado do seu novo marido, Rob James, enquanto este dizia a Rose que era tempo de ela sair de casa. Tudo bem que o estágio era na capital e a estadia estava incluída, mas aquilo magoara-a, ainda assim.

Atravessou para Union Street, com o cuidado de saltar por cima de um sapo esmagado na estrada. Aqui, havia pessoas que chegavam a mudar de faixa para atropelar um. Ficavam ali, espalmados como

panquecas, cobertos de formigas, até ficarem tesos e duros como pedaços de couro seco a assar ao sol.

A rua principal de Colmstock estendia-se ao longo de três quarteirões. Havia apenas um conjunto de semáforos e, mais adiante, uma passagem de peões em frente à igreja atarracada de tijolos vermelhos. Não longe de onde se encontrava, havia um *pub*. Conseguia ver as corridas de cães nos ecrãs através de uma das janelas encardidas, que muitas vezes eram salpicadas com sangue das brigas de copos à hora do fecho. Na esquina situava-se o *take away* chinês, com o seu garrido letreiro vermelho iluminado, aninhado entre o restaurante indiano e a loja de antiguidades, ambos fechados há anos.

Mais ao longe, ficava a escola primária e o edifício da Câmara de Colmstock. Do sítio onde se encontrava, à espera de que o semáforo mudasse para poder atravessar a estrada, quase conseguia avistar o edifício ardido do tribunal. Ficava entre a biblioteca, que tinha escapado ao incêndio, e a mercearia, que não tinha. Em frente às escadas do tribunal, encontrava-se o memorial ao miúdo que ali morrera, Ben Riley. A fotografia ia desvanecendo, desbotada pelo sol constante. O edifício estava cercado por fitas de plástico. Deviam ter sido erguidos taipais, mas isso ainda não acontecera.

Rose olhava para os despojos carbonizados. Agora que todos os processos dentro do tribunal se converteram em cinzas e que os computadores nada mais eram do que blocos derretidos de plástico e cabos, significaria isso que os julgamentos agendados não iriam para a frente? Significaria isso que pessoas que teriam sido criminosas o deixariam de ser? Ficaria a lei em suspenso até se reconstruir o local? Mesmo dali, conseguia sentir o cheiro. A madeira queimada, tijolos e plástico a fritar ao sol. Já haviam passado três semanas e o cheiro não desaparecera. Talvez aquele passasse a ser o cheiro de Colmstock a partir de então.

O bolso vibrou. Esforçando-se por manter a mão firme, tirou o telemóvel. Não se admirava se fosse alguma mensagem parva da Mia ou um e-mail de spam. Mas não era. Abriu o e-mail do *Sage Review*, os cantos da boca já contraídos, prontos para um sorriso, prontos para conterem um grito de excitação.

Cara Sra. Blakey,  
Agradecemos a sua candidatura ao Programa de Estágios  
do *Sage Review*.  
Infelizmente...

Rose não leu o resto. Não conseguiu.

A sua boca ainda não voltara ao normal. Continuava a esboçar um  
estranho sorriso oco enquanto atravessava a estrada em direção ao  
Eamon's Tavern Hotel.



# 3

Como muitas empresas em Union Street, o Eamon's Tavern Hotel fora em tempos uma das casas mais grandiosas de Colmstock. Era maior do que as outras e mais imponente, com o seu enorme alpendre e as janelas duplas. No entanto, qualquer opulência que o local outrora possuísse há muito que havia desaparecido. Tivera direito a uma demão de tinta fresca há cerca de 20 anos. Agora a fachada do edifício estava suja e a desmoronar-se. Nas janelas, havia letreiros de néon a anunciar cervejas: *Foster's*. *VB*. *XXXX Gold*.

Lá dentro, Bruce Springsteen cantava ininterruptamente. O ar viciado e a cerveja produziam um odor almiscarado. A iluminação era sempre fraca, talvez para esconder a degradação. Ainda assim, não havia escuridão capaz de esconder o facto de tudo estar ligeiramente pegajoso. Era o tipo de sítio que disponibilizava uns quartos de motel nas traseiras, onde nunca ninguém queria dormir, a não ser que estivesse a cair de bêbedo.

Afundada em cadeiras de madeira escura, a clientela do bar — metade operários, metade polícias — enterrava lá os seus salários. O sítio era popular entre as forças da ordem. A esquadra, mesmo ali ao lado, servia Colmstock e outras pequenas localidades da região,

mas os rapazes preferiam ficar perto da base quando se tratava de beber copos. Com as coisas que viam às vezes, mesmo os dez passos até ao Eamon's pareciam demasiados para uma cerveja. O outro bar, mais ao fundo da rua, era onde se ia se se quisesse deixar bem claro que não se gostava da companhia de bófiás. Ainda assim, qualquer um que ainda bebesse em público, em vez de ficar em casa com a sua dose de metanfetaminas e o cachimbo de vidro, era visto como alguém válido, independentemente do local escolhido para beber.

Por baixo do desbotado retrato a preto-e-branco da família Eamon, os primeiros habitantes da casa, havia um balcão em «L» onde Rose e Mia conversavam. Há anos que as duas trabalhavam naquele bar, e já haviam passado centenas de horas a fazer exatamente o que faziam naquele momento: encostar-se ao balcão, beber *Coca-Cola* e dizer disparates.

Laura não era a única que achava que Rose parecia uma princesa. O inspetor-chefe Frank Ghirardello pensava o mesmo, observando-a pelo canto do olho enquanto bebia a sua cerveja. Mesmo com aquela tatuagem no tríceps, ela parecia tão pura e perfeita como uma estrela de cinema. Aquele primeiro gole de néctar gelado, servido pela própria Rose, era a coisa mais próxima da felicidade que ele conhecia. Frank sentira um fraquinho por Rose desde o seu primeiríssimo turno naquele bar. Ela servira-lhe uma cerveja com seis dedos de espuma. Pela forma como ela o tinha olhado, ele teve imediatamente a certeza de que ela era *a tal*. Por isso aceitara a cerveja, dera-lhe uma gorjeta e tentara beber a coisa, apesar de ter de mergulhar a cara em espuma a cada gole. Frank nunca fora um grande bebedor, mas, nos últimos anos, desenvolvera um pequeno problema com o álcool só para estar perto de Rose.

Estava rodeado pela sua brigada, que discutia as últimas teorias sobre o mais recente caso, que já ocupara o lugar de Ben Riley nas suas preocupações. Não nas de Frank. Um sacana de um pirómano tinha armado confusões durante todo o ano. Primeiro foram pequenos fogaréus, um arbusto ou uma caixa do correio feita em brasas. Quiseram acreditar que era coisa de adolescentes aborrecidos, apesar de isso ser pouco provável. O liceu tinha fechado naquele ano devido

ao número diminuto de matrículas, as turmas estavam reduzidas a menos de um quarto do que era habitual. A maioria dos adolescentes trabalhava no aviário ou dedicava-se ao cachimbo a tempo inteiro. Os que consumiam metanfetaminas ainda continuavam a cometer alguns crimes, na maior parte roubos e assaltos, mas não pareciam do tipo de se dar ao trabalho de começar um incêndio só pelo prazer de ficar a ver as labaredas.

Até que, no mês passado, a ação disparou de repente. O psicopata andava danado para a brincadeira com o isqueiro, incendiando meio quarteirão da Union Street. Ben acabara de fazer 13 anos, e era aquilo a que se chamava uma criança «especial». «Danos cerebrais» seria o termo correto. O rapaz comportava-se como uma criança, apesar de adolescente, mas era o querido de Colmstock. Sorria para toda a gente. Os pais eram donos de uma mercearia e ele às vezes brincava no barracão que servia de armazém, mesmo ali ao lado, atrás do tribunal. A criança transformara o espaço num pequeno covil. Pobre miúdo, não fazia ideia de que o fumo queria dizer «fogue!».

A princípio, estava quase certo de que fora o Sr. Riley, o pai do rapaz. O tipo ganhara uma fortuna com o seguro, e Frank suspeitava de que, diante de tal quantia, nem se oporia a queimar o próprio filho. Mas o Sr. Riley tinha um álibi perfeito, Frank tinha verificado, e de forma alguma poderia ser falso.

Agora, à sua volta, a galhofa era geral. Já estavam a abusar. Não era altura para risotas. Frank interrompeu a conversa.

— Algum avanço? — perguntou, mirando Steve Cunningham, o presidente da Câmara.

Frank já sabia qual seria a resposta de Steve, mas, mesmo assim, repetia-lhe a pergunta sempre que o encontrava. Ele precisava deles para a demolição dos escombros do tribunal. Já tinha passado mais de um mês. O resto do grupo parou de falar e olhou para Steve.

— Ainda não — respondeu Steve, e, apesar da luz ténue, Frank conseguia ver a careca brilhante do seu interlocutor a ficar vermelha. — Ainda estamos a tentar reunir fundos. Há de acontecer.

— Certo — respondeu Frank.

— Vou buscar outra rodada — disse Steve, levantando-se. — Frank?

— Eu passo, companheiro.

Frank sabia que Steve não era culpado, mas gostava de ter alguém que pudesse acusar. Levava aquela trapalhada a peito, como uma questão pessoal. Qual megafone a divulgar o seu falhanço por toda a cidade.

Frank já vira muita coisa má. Evidentemente. Mas ir visitar a Sra. Riley, dizer-lhe que o fogo já estava demasiado forte, que não conseguiria lá entrar, que não conseguiria salvar-lhe o filho... A expressão na cara dela ao ser forçada a recuar e deixar o filho arder. Disso, ele nunca se esqueceria.

Ignorou novamente os seus amigos para observar Rose, que terminava de servir a rodada a Steve e voltava a folhear o jornal. Rose falava discretamente com Mia Rezek, cujo pai, Elias, também fora polícia antes da trombose que o afligira cinco anos antes. Ambas pareciam agir como se estivessem em casa, e não no trabalho. Rose passou a mão pelo cabelo. Foi um movimento tão simples, tão natural, mas, ainda assim, Frank sentiu um nó na garganta. Céus, como ele a desejava. Era quase insuportável.

Recostou-se na cadeira. O bar estava suficientemente calmo para conseguir ouvir o que ela dizia.

— Com Saturno a permanecer em Aquário, tudo pode acontecer — leu Rose. — Algo inesperado irá surpreendê-la hoje. — Deixou escapar uma pequena gargalhada. — Ponham-se a pau, raparigas solteiras.

— A sério, diz isso? — ouviu Frank Mia dizer. Depois as suas vozes calaram-se.

Erguendo a cabeça, viu que elas passavam os olhos pela sua mesa. Engoliu o resto da cerveja esquecida no fundo do copo e dirigiu-se a elas.

— Meninas, porque estão a olhar para nós? Gostam do que veem?

Retesou os bíceps para Rose, mas ela nem sequer olhava para ele. Estava ocupada a tirar-lhe uma cerveja. Mia apercebeu-se e sorriu. Ele deu pelo seu olhar piedoso e sentiu-se péssimo.

— Poupa o fôlego, Frankie — disse ela, pousando os cotovelos no balcão. — A Rose está de saída.

— Ainda tenho algumas semanas, não tenho? — perguntou ele.

Frank esperava que ela ou Mia pudessem revelar-lhe algo sobre os planos de Rose. Elas já tinham falado do assunto como um facto consumado, mas ele achava que não era. Pelo menos, assim o esperava. A sua vida iria ser tão vazia sem ela.

Olhando para Rose, notou que a mão lhe tremeu ligeiramente entornando uma pequena gota de cerveja no pulso. Ela limpou-a à parte de trás dos calções e entregou-lhe a cerveja.

— É mais ou menos isso — disse ela.

Frank preparava-se para continuar a investigação, sondando-a, como faria com um suspeito na sala de interrogatórios, mas Mia interrompeu-o.

— Vejamos, então. — Pegou no copo vazio de Frank e olhou atentamente para a espuma no seu interior.

— Alguma novidade sobre a minha vida amorosa aí dentro? — perguntou ele, voltando a olhar para Rose.

Ela ofereceu-lhe um sorriso ténue. O melhor era ficar por ali, e ele sabia-o. Deveria simplesmente convidá-la para sair em vez de estar com piadinhas secas e óbvias. Ele já passava dos 30 e agia como um adolescente excitado. Era embaraçoso.

— Bem — disse Mia, revirando o copo —, vejo aqui muitas energias favoráveis. Vejo que tudo é possível. Algo inesperado aproxima-se. Algo que irá surpreender-te.

Olharam uma para a outra sem saberem se ele estaria a perceber que estavam na reinação. Não tinha importância; ele aproveitou a oportunidade.

— Isso é um convite para uma saída a quatro? Acho que consigo convencer o Bazza.

Colega de Frank, Bazza era um agente novato, um indivíduo bem-parecido. Alto, musculoso e já era um dos melhores na equipa de futebol, poucos anos depois de Frank também o ter sido.

Frank gostava dele como se fosse seu irmão, e até ele sabia das suas qualidades caninas — os seus olhos iluminavam-se de puro deleite sempre que Frank dizia a palavra almoço, olhava com desconfiança para desconhecidos e era tão leal quanto bajulador. Frank sabia

que, se dissesse ao homem para se sentar, ele o faria de imediato, sem pensar.

Olharam para Bazza no preciso momento em que ele arrotava e se ria sozinho.

— Nós depois avisamos-te — disse Rose.

Frank sorriu como se não estivesse a levar aquilo a sério, voltando-se antes que a sua expressão denunciasse a mágoa que sentia. Tinha de se fazer um homenzinho e convidar a rapariga para sair, como deve ser. De outro modo ela deixaria a cidade antes de ele ter a oportunidade de o fazer.

Atrás de si, ouviu Mia dizer:

— Sabes, até acho o Baz sexy.

Os ombros de Frank ficaram tensos, desejando ardentemente que Rose não concordasse.

Felizmente, ouviu:

— É um idiota.

— Pois é, podes crer.

Elas riram-se discretamente e ele voltou para a sua mesa, agradecido pelo facto de não se estarem a rir dele, e beberricou um pouco da sua cerveja. Conseguia imaginar a cena: Mia com Bazza e ele com Rose; churrasco nos dias de folga, Bazza no grelhador, Mia a mexer a salada, Rose a trazer-lhe uma cerveja e a sentar-se ao seu colo enquanto ele bebia.

# 4

Rose puxou para si o barril. Era pesado, distendia-lhe os músculos dos braços e comprimia-lhe os ligamentos do pescoço. Deixou-o cair os últimos centímetros, sem outra razão senão o gosto de ouvir o baque violento que produzia no chão de cimento. O armazém sem janelas nas traseiras do bar cheirava a mofo. Enfiados naquele espaço apertado, encontravam-se os barris de cerveja, uma grande arca frigorífica repleta de carne e batatas fritas congeladas, e algumas caixas cheias de copos de cerveja poeirentos.

Vergada sobre o barril, de rabo espetado para o ar, com pequenos passinhos, ia-o empurrando pela curva apertada para o corredor das traseiras. Estava a fazer uma figura ridícula. Se Frank a pudesse ver agora, talvez deixasse de olhar para Rose como se ela fosse uma boazona. Ou talvez ficasse ainda mais excitado com a visão. Só de pensar nisso, endireitou-se. Detestava sentir os olhares dos homens sobre si. Faziam-na sentir-se como se não fosse dona do seu próprio corpo. Como se, ao olharem-na de cima a baixo, lhe estivessem a possuir a carne. Se não fosse aquela maldita humidade, usaria calças compridas e golas altas, e nunca, mas nunca mais depilaria as pernas.

Começava a ficar com bolhas nos pés. A cada passo que dava, os calcanhares raspavam contra o tecido áspero dos ténis, arrancando-lhe outra camada de pele. Contorcia-se sempre que dava pontapés suaves no barril ao longo do corredor. Passou pela mancha na carpete — resultado de Mark Jones<sup>3</sup> lá ter vomitado cerveja — e pela racha na parede, que parecia aumentar um pouco todos os dias. Tentou lembrar-se das vezes em que não detestava totalmente aquele emprego. Noites calmas na galhofa com Mia até podiam ser divertidas. Mas naquele momento tudo o que queria era pirar-se dali. Todas as noites, ano após ano, a mesma treta de sempre, cada turno idêntico ao anterior. A única diferença era o envelhecer dos clientes.

O torpor em que ficara há pouco já se dissipara. Agora sentia apenas o estômago a contorcer-se de vergonha e desilusão com o e-mail do *Sage Review*. Ainda não dissera nada a Mia. Não conseguia. Se dissesse, passava a ser real. Mia ia perguntar-lhe o que pensava fazer, onde é que ia viver, e ela não tinha respostas. Em vez disso, mantinha o corpo em movimento e tentava respirar. Rose havia escrito sobre tudo aquilo de que se conseguira lembrar. Escrevera sobre a crise financeira e os seus efeitos na cidade; escrevera sobre as buscas pelo incendiário que matara o pobre Ben Riley e destruía o tribunal. Escrevera críticas de cinema, mexericos de celebridades e, o pior de tudo, tentara uma desajeitada série de vídeos no *YouTube*.

Independentemente do tema, as rejeições eram sempre iguais. «Agradecemos a sua candidatura...», era como começavam, e o resto já ela sabia de cor. Sempre ouvira dizer que a única pessoa que se atravessa no nosso caminho para o sucesso somos nós próprios. E ela sabia isso, a sério que sabia. Rose só precisava de uma boa história, algo realmente único. Se ela tivesse uma grande história, não lhe podiam dizer que não.

Este estágio fora feito para ela; ela cumpria exatamente os requisitos. Tinha sido tudo tão perfeito, tão exatamente certo.

---

<sup>3</sup> Mark Sean Jones, nascido em 1966, era uma antiga estrela do futebol australiano. [N. da T.]



O rebordo do barril embateu contra a parede, fazendo cair ao chão uma moldura.

— Merda!

Estava distraída. Não estava a conseguir dar conta do recado. Uma enorme racha atravessava agora o vidro sobre a fotografia da família Eamon: o marido com as suas medalhas da guerra, a esposa com o seu sorriso tenso, a menina de caracóis com a sua boneca de caracóis e o rapaz com a sua camisa fina. Rose voltou a pendurá-la na parede.

A sensação no estômago transformava-se numa dor que ela fazia tudo por reprimir. Era como o refluxo gástrico, subindo-lhe do estômago numa torrente venenosa até à garganta.

Espreitou para dentro da cozinha.

— Tudo bem se fizer agora a minha pausa?

— Claro — disse Jean, sem se voltar, descascando um monte de tomates descorados.

Às vezes fazia uma pausa no bar, atrevendo-se a comer algo que Jean tivesse feito e continuando na conversa com Mia e com quem lá estivesse sentado. Mas, se tinha de aguentar aquele dia, precisava de uns minutinhos para si. Agarrou no primeiro *kit* de primeiros socorros da estante e voltou para o corredor. Abriu uma das portas dos quartos do motel e sentou-se na beira da cama. Cuidadosamente, descalçou um dos sapatos e examinou o calcanhar. A pele estava muito vermelha. Uma bolha começava a formar-se, uma almofada branca e suave inchando para proteger a pele danificada. Com cuidado, passou o dedo por cima, estremecendo ao tocar na nova e delicada pele.

Abriu o *kit* de primeiros socorros e vasculhou por entre os antisépticos fora de prazo e as ligaduras ainda dentro do invólucro, até encontrar no fundo a caixa de pensos rápidos. Tirou um e colocou-o sobre a pele; estendeu-o sobre a bolha e fez pressão do outro lado. O processo de colocar um penso rápido fê-la lembrar-se da infância. De ser cuidada, de saber que estava ali alguém que ia fazer com que tudo corresse bem. Sentiu um nó na garganta e não conseguiu aguentar. Com uma mão sobre o rosto para abafar o som, começou a chorar. Soluços horríveis, dolorosos, irromperam de dentro dela.

Cerrando os olhos com força, esforçava-se por parar, mas não conseguia. Estava tão cansada, demasiado cansada. Os olhos ficaram quentes, inundando-se de lágrimas que desciam, queimando-lhe as faces. Chorar era mais fácil do que não chorar. Arrastou-se para ir fechar a porta, para que fosse impossível ouvirem-na do bar. Por entre a sua visão turva de lágrimas, viu alguém. Um homem, parado no corredor, a olhar para ela. Tentou recompor o rosto, limpando as faces com as mãos.

— Desculpe — disse ele, que, estranhamente, parecia prestes a chorar também.

Ela ficou de pé, com a mão sobre a maçaneta da porta, a olhar para ele, sem saber o que dizer, perfeitamente consciente da sua testa franzida e de uma lágrima que deslizava devagar sobre uma das suas faces molhadas. Os olhos dele desviaram-se dos de Rose, e o rosto dela ardia de humilhação.

Fechou a porta e voltou a sentar-se na cama. E, de olhos fixos na porta, começou a respirar fundo. A surpresa de o ver, pelo menos, fizera o choro parar, mas agora o coração martelava-lhe no peito. Esfregando as mãos na cara, interrogava-se quem seria aquele tipo. Nunca o tinha visto, o que não era comum em Colmstock. Mas não era só isso. Não se parecia com os outros homens da cidade. Tinha uma cara tão fora do vulgar — não estava certa de qual seria a sua etnia — e vestia uma t-shirt com o logótipo de uma banda e umas calças de ganga de corte a direito que pareciam acabadas de estrear. Definitivamente aquela não era a indumentária habitual dos homens por aquelas bandas. Arrastou-se até à porta outra vez e entreabriu-a, para espreitar, certa de que ele ainda estaria ali espedado. Não estava. Mas reparou no letreiro «Não Incomodar» pendurado na maçaneta do outro quarto. Claro, tinham um hóspede.

Fechou a porta e foi à casa de banho lavar a cara com água fria. Já tinha sido rejeitada antes, já devia saber lidar com aquilo. Se conseguisse aguentar-se até ao fim do turno, amanhã veria como lidar com o resto. Agora só tinha de se concentrar em chegar ao fim do turno. Ficou parada de pé, focando-se apenas na sensação dos seus pés descalços sobre a carpete. Depois, num gesto rápido e certo,

colocou o penso no outro calcanhar e, rangendo os dentes, calçou de novo os ténis.

De regresso à cozinha, Jean atirava um hambúrguer para a grelha, que chiava e deitava fumo. O cheiro acre a queimado fez-lhe comichão no nariz, mas não disse nada. Jamais diria a Jean como cozinhar, e não era só por ela ser sua patroa. Ninguém diria uma palavra a Jean, mesmo que a carne estivesse esturricada e tivesse a consistência de borracha, o que acontecia com frequência. Embora se aproximasse dos 60, ninguém se queria cruzar com ela. Se Jean não gostava de uma pessoa, ela ficava logo a saber.

Rose ainda se lembrava da primeira e única vez que alguém insultara um dos bifés de Jean. Certo dia, um parvo de um amigo de Steve Cunnigham pedira para ser reembolsado. Dissera a Jean que, se queria cozinhar comida aborígene, o melhor era ela voltar para a sua fogueira. Esse homem nunca chegou a ver o seu reembolso, tendo sido proibido de voltar a pôr os pés no Eamon's. A própria Rose se teria certificado disso se pudesse, mas Jean nunca precisou de ajuda. Só de pensar nesse tipo agora, sentia o sangue a ferver. Steve teve sorte; como pediu repetidamente desculpas a Jean, e Rose sabia que eram sinceras, lá acabou por deixar o tipo voltar.

— Temos um hóspede? — perguntou Rose, vergando-se para instalar o barril que há pouco tinha trazido.

— Sim. William Rai. — Na voz de Jean, era audível o seu maço de cigarros diário.

— Como é ele? — quis saber Mia, do outro lado do bar.

— Reservado.

Rose limpou as mãos molhadas aos calções e foi para o bar. Colocou um jarro na máquina da imperial e começou a escorrer a espuma, feliz por estar longe do pivete a carne esturricada.

— Já o viste? — perguntou discretamente Mia.

— Já — respondeu. Os olhos dele eram tão brilhantes, mas era da luz, com certeza.

— E?

— O que foi? Achas que pode ser a tua alma gémea? — perguntou Rose, a brincar.

Mia encolheu os ombros.

— Nunca se sabe.

Rose sorriu, inclinando-se para trás, enquanto observava o excesso de espuma cremosa e branca a transformar-se lentamente em cerveja.

— Portanto, deduzo que ainda não tiveste notícias do *Sage*? — disse Mia, observando-a cuidadosamente.

Rose fechou a torneira da cerveja.

— Não.

— Não stresses com isso; mais um dia não fará diferença.

Rose olhou para Mia e esboçou um sorriso débil. Queria contar-lhe, queria mesmo, mas tinha medo de começar a chorar, e desta vez em frente aos clientes. Quando ia a abrir a boca para perguntar se podiam falar sobre isso mais tarde, o bar ficou em silêncio. Era o tipo de silêncio súbito e intenso completamente fora do normal. Mia e Rose olharam em volta.

Era o hóspede. Will. Estava parado à porta com todos os olhos do bar pregados nele. Rose estava certa: aquele homem não era de Colmstock. Aceitou os olhares, sem mostrar insegurança ou desconforto, e sentou-se na mesa mais afastada. Os polícias regressaram às cervejas, retomando as conversas.

— Uau. Nada mal — disse Mia discretamente.

— É todo teu — ripostou Rose.

A humilhação voltou a corroê-la. Ele devia tê-la achado tão esquisita, ali sentada com a porta aberta, a chorar. Felizmente, não ia ficar muito tempo.

Rose observava Mia enquanto esta retirava um menu da pilha. Caminhou energeticamente até à mesa de Will e pousou-lhe o menu à frente. Mia tinha a mão na anca e, mesmo sem lhe conseguir ver a cara, Rose sabia que ela lhe estava a fazer olhinhos. Aquela rapariga não conseguia ser subtil. Will sorriu-lhe, apenas por delicadeza, como Rose reparou, e apontou para algo no menu. Ainda não sabia que não devia pedir a comida de Jean. Depois, os olhos dele desviaram-se de Mia e fitaram diretamente Rose, fazendo-a suster a respiração por breves instantes. Rose virou-se para trás e ocupou-se a lavar copos.

Quando o prato dele ficou pronto, Mia estava na sua pausa. Sentada ao balcão do bar, comia o seu jantar habitual: um hambúrguer no pão, barrado apenas com molho de tomate.

— O pedido está pronto — disse Jean.

Mia olhou para Rose e encolheu os ombros, dizendo com a boca cheia:

— Acho que não quer nada comigo.

Rose olhou em volta, tentando pensar numa maneira de evitar um segundo encontro com o estranho. Talvez pudesse pedir a Jean para o fazer, mas sabia que elas iam querer saber logo porquê, e contar-lhes seria ainda pior.

Agarrando no prato, dedos por baixo e polegar por cima, caminhou em direção a ele. Olhando para o prato, viu que ele devia ter pedido um hambúrguer sem a carne, apenas alface murcha, tomates pálidos e queijo sobre pão branco. Estava inclinado sobre a mesa, a ler um livro, mas ela não conseguia ver o título. Quando Rose cruzou a luz à sua frente, ele olhou para ela.

— Aqui tem.

Will inclinou-se para a frente.

— Obrigado. — Fez uma pausa. — Queria perguntar... Sente-se bem? Há pouco eu...

— Estou bem — disse rispidamente. — Porque não haveria de estar?

Rose olhou-o bem nos olhos, desafiando-o a mencionar o que vira. Mas ele não o fez.

— Só para saber — respondeu, com um meio sorriso que lhe formou pequenas rugas em torno dos olhos escuros.

À hora do fecho, quando todos os bancos estavam em cima das mesas e o chão secava depois de lavado, Springsteen cantava sobre sonhos e segredos e escuridão na orla da cidade, enquanto Mia e Rose bebiam cerveja sentadas ao balcão. Os pés doridos de Rose sentiam-se felizes, agora que não pisavam o chão de betão. Jean estava de pé por trás delas, contando o dinheiro na caixa.

— Quanto tempo fica o nosso hóspede? — perguntou Rose, tentando soar normal.

— Fez reserva para uma semana — resmoneou Jean, assentando números num bloco de encomendas.

— Achas-lhe piada? — perguntou Mia.

— Não, pelo contrário. Pareceu-me um parvo. Tão paternalista.

O som de algo a bater na janela interrompeu-as. Era Frank a bater levemente com os nós dos dedos no vidro. Fez um aceno de boa-noite com uns olhos castanhos tão esperançosos que mais parecia um pequeno vira-latas a pedir restos do que um polícia na casa dos 30. Acenaram-lhe de volta.

— Aquele homem precisa de ir com mais calma — disse Jean, com uma ponta de desaprovação na voz.

Rose não respondeu.

— É bom tipo — disse Mia, insistindo no assunto.

— Não tem nada que ver com isso — ripostou Rose —, simplesmente não vale a pena. A minha vida não ficará por aqui. — Deu um grande gole. Mia observava-a atentamente.

— Já tiveste notícias do *Sage*, não já?

Rose não olhou para ela; não conseguiu.

— Estava tão certa de que ias conseguir desta vez — disse Mia.

Rose sentiu um calor na mão e baixou os olhos. Jean colocara a palma da sua mão calejada sobre os dedos de Rose.

— És uma lutadora. Há de dar certo para ti. Pode demorar, mas há de dar.

Pela primeira vez naquela noite, o nó na garganta de Rose afrouxou.

Jean retirou a mão e colocou dois envelopes entre as duas, no balcão.

— Paternalista ou não, o nosso hóspede dá boas gorjetas.

O ar estava mais fresco quando Mia e Rose saíram para o alpendre. As cigarras cantavam alto. Apesar de tudo, Rose sentiu uma sensação de vitória. Tinha conseguido. Aguentara o turno, e agora podia ir lamentar-se para casa, enquanto ainda tinha uma. Olhou para trás, na direção da cervejaria, enquanto caminhava para o carro de Mia, sempre com o novo hóspede, Will, às voltas na cabeça. Devia ser parente de alguém, de visita por alguma ocasião familiar. Não conseguia

pensar noutra razão para alguém querer estar nesta cidade uma semana inteira.

— Oh... — Mia parou.

— O que foi?

Mia correu para o seu velho e batido *Auster* e tirou uma multa de estacionamento do limpa-para-brisas. Olhou para o relógio.

— Só cheguei três minutos atrasada!

— Devem ter ficado à espera desses minutos para passarem a multa.

Olharam em volta. A rua estava deserta. Entrando no carro, Mia aproximou a multa da luz interior.

— É mais do que fiz com o meu turno.

Rose pegou no envelope que guardara no bolso e pousou-o no painel de instrumentos.

— Não é preciso — disse Mia, mas Rose já conseguia perceber o alívio na sua voz.

— Eu sei.

Não disseram uma palavra enquanto Mia conduzia. O rádio tocava uma nova música *pop* horrível que Rose estava farta de ouvir, mas sabia bem que não devia mexer no rádio de Mia. Pôs-se a olhar pela janela, ansiando pelo oblívio que o sono lhe poderia proporcionar. Tirou os calcanhares para fora dos ténis. Amanhã, decidiu, não se calçaria. O bar fechava às terças, portanto talvez nem saísse da cama.

O carro passou pelos *fossickers*. Ao início eram apenas algumas tendas montadas à volta de uma velha casa esventrada que sempre ali estivera. Agora era uma verdadeira comunidade. As pessoas viviam em carros, em estruturas montadas. Alguns dormiam mesmo ao relento. O tempo era quente. Como eram autossuficientes, a bófia não os chateava, embora todos apresentassem falta de dentes e alto consumo de metanfetaminas. Antes, Rose não sabia por que razão eram designados por *fossickers*, até que percebeu, há um par de anos, que andavam à procura de opalas e as vendiam no mercado negro. Era disso que viviam. Sentiu um aperto de medo no estômago e olhou para as suas mãos. Não podia terminar os seus dias ali.

— Bem, hoje ouvi um boato dos grandes. — Mia não conseguia ficar sentada em silêncio por muito tempo. Por mais miserável que estivesse, Mia parecia sentir-se sempre melhor quando estava a falar. — Não queres escrever sobre isso no teu próximo artigo? Trabalhar num bar de chuis tem de servir para alguma coisa.

Ao contrário de Mia, Rose ansiava frequentemente por estar sozinha. De qualquer maneira, não precisava de responder. Geralmente Mia parecia bastante satisfeita só com o som da sua própria voz a tagarelar.

— Parece que alguém anda a deixar bonecas de porcelana à porta das casas, e as bonecas parecem-se com as meninas que vivem nessas casas. Não é de arrepiar? — Rose virou a cabeça bruscamente. — A bófia receia que possa significar alguma coisa. Um pedófilo a marcar as vítimas, ou algo do género. — Rose ficou a olhá-la de boca aberta. — O que foi? — perguntou Mia.

Rose pôs-se a vasculhar na mala à procura do telemóvel, com a imagem de Laura no pensamento, a dormir cara a cara com a sua irmãzinha gémea de porcelana.



# Uma cidade a recuperar de uma tragédia.

Um pirómano anda à solta em Colmstock, na Austrália. Incendiou o tribunal da cidade, e um rapaz que ficara encurralado no interior do edifício morreu.

# Uma jovem aspirante a jornalista à procura de um furo.

Rose Blakey sempre sonhou em ser jornalista, mas todas as candidaturas que envia para os meios de comunicação social são rejeitadas. Tudo o que precisa é de uma história que a faça dar o grande passo da sua vida, e essa história finalmente aparece.

# Pequenas bonecas de porcelana cheias de segredos.

Algumas semanas após o incêndio no tribunal, começam a aparecer à porta de certas casas bonecas com rostos idênticos aos das crianças que aí vivem. A população fica aterrorizada, pois suspeita-se de que um pedófilo possa estar envolvido, e a polícia desvia a sua atenção do incendiário para este caso. Rose começa a escrever artigos sobre o tema, que são publicados num jornal, ganhando uma dimensão cada vez maior à medida que vão sendo divulgadas mensagens do pedófilo. Mas numa cidade em que toda a gente guarda pequenos segredos, a verdade torna-se difícil de encontrar.

«Um romance obrigatório para os fãs de policiais.»

*Bookpage*

DA MESMA AUTORA:



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-80-7



9 789898 869807

Thriller